

Impérios da Guerra Fria

Apresentação cedida, organizada e editada pelos profs. Rodrigo Teixeira e Rafael Ávila

No final da 2ª Guerra Mundial e durante a Guerra Fria, assistimos a competição entre a URSS e EUA em busca da hegemonia global.

Ao fim da Guerra Fria, o império soviético veio a ruir.

Passados 20 anos da queda do Muro de Berlim (1989) e da desintegração do mundo soviético (1991), é possível afirmar que a era de paz nem ao menos se aproximou, pois de fato houve a expansão dos conflitos bélicos em quase todo a área do globo.

Os EUA estiveram envolvidos em quase todos os principais conflitos internacionais pós-Guerra Fria.

Com o 11 de setembro de 2001, que levou a ocupação do Afeganistão e Iraque pelos EUA, o orçamento do país ultrapassou em muito aqueles executados durante os piores período da Guerra Fria.

E a Federação Russa, ao contrário, vivenciou uma redução do seu orçamento militar, nos anos 90.

A atual Rússia procura, através da alta do petróleo, recuperar o seu poder militar e a sua antiga influência geopolítica.

Mesmo com o enfraquecimento da hegemonia econômica norte-americana, os EUA ainda são considerados uma potência mundial.

Esse capítulo tem como objetivo articular e compreender a formação entre os dois grandes impérios que surgiram após 2ª Guerra Mundial no período de 1945 a 1991.

Os Estados Unidos, ao longo do século XIX, mantiveram uma contínua expansão territorial.

Com a Doutrina Monroe, os EUA mantiveram a não-intervenção de qualquer potência externa no continente americano.

Outra vantagem dos norte-americanos foi que, no século XIX, o país experimentava um grande desenvolvimento agrícola, comercial e industrial.

Mas, entre 1873 e 1896, o país começou a viver uma crise econômica, e em 1894 e 1896, essa crise levou os EUA a uma depressão econômica.

Em parte, essa crise se deu porque a população estadunidense não conseguia absorver os produtos lançados do mercado interno.

Em meio a esse acontecimento, os EUA se viram na necessidade de se abrirem para o mundo e conquistarem novos mercados.

O problema é que o mercado externo estava fechado, em decorrência do colonialismo.

A maneira encontrada pelos EUA foi ir à guerra com a Espanha, e mostrar que estavam dispostos a empregar a força militar para defender os interesses do seu país.

Ainda no século XIX, os EUA iniciaram a construção de uma respeitável frota naval, tratando de controlar o oceano, e criaram bases em pontos estratégicos.

Na maior parte do tempo, os Estados Unidos tentaram não entrar nos conflitos europeus, e tentaram consolidar sua posição na América e conquistar o máximo de influência no pacífico, de olho no mercado asiático.

Na 2ª Guerra Mundial, os EUA eram os maiores financiadores e provedores das forças aliadas no conflito.

○ “império” estadunidense foi singular em alguns pontos:

1. Enquanto, no século XIX, as potências europeias procuravam criar impérios, no sentido direto, os EUA preferiam exercer seu poder através do exercício da hegemonia ou influência.
2. Os territórios conquistados pelos EUA não eram tratados como colônias ao estilo europeu.

A Rússia czarista, desde o século XVII, foi considerada um dos grandes impérios mundiais.

Buscou, ao longo dos séculos, expandir seu território em direção ao leste europeu, na direção da Sibéria, da Ásia Central e da Europa.

Com a derrota na 1ª Guerra Mundial, ocorreu o fim da dinastia dos Romanov, da monarquia e da instituição do governo bolchevique em 1917.

Sob o domínio de Stalin, a Rússia desenvolveu a industrialização e consolidou uma robusta força militar.

Dessa forma, no fim da 2ª Guerra Mundial, a URSS controlava grande parte do centro e do leste europeu.

Guerra Fria

As tensões, após a 2ª Guerra Mundial, geradas entre os vencedores deram origem a formação de dois blocos antagônicos.

Mesmo os EUA e URSS não tendo se confrontado diretamente, esses dois blocos foram responsáveis pela eclosão de conflitos regionais, rebeliões, revoluções e golpes militares.

Um desses conflitos foi a Guerra da Coreia (1950-1953) e a revolução comunista na China.

Com a pacificação coreana e a divisão da Europa em duas áreas de influência, as duas regiões entraram num momento de estabilidade, mesmo existindo tensão entre eles.

As tensões entre EUA e URSS aumentaram em 1960 e 1970, e foram transferidas para o Terceiro Mundo.

Essas duas superpotências buscavam aliados entre os novos Estados, formados pela desintegração de colônias.

Dessa forma, as duas potências buscavam ampliar sua dominação.

Com o tempo, a divisão do mundo em dois blocos antagônicos se tornou menos visível.

A Europa Ocidental e o Japão recuperaram suas economias e começaram a contar no cenário internacional, e a China rompe com Moscou, criando uma nova realidade estratégica na Ásia.

É importante frisar que os países vinculados a cada um dos blocos econômicos possuía interesses distintos dos seus respectivos Estados líderes.

Diferenças entre os dois blocos:

1. O controle de Washington era mais sutil do que o da URSS;
2. Enquanto os soviéticos usavam suas próprias tropas para controlar metade da Europa, os EUA preferiam dar a seus aliados maior independência.

Os Estados Unidos, em um mundo empobrecido, produziam, em 1945, 50% do PIB Mundial e controlavam 2/3 das reservas mundiais de ouro e metade do transporte marítimo.

O setor militar ganhou muito com a alta taxa de crescimento econômico do país.

A Rússia saiu da guerra com maior poder do que tinha em 1941.

Com a destruição da Alemanha, a URSS recuperou os territórios perdidos e anexou novos.

Ao redor do território soviético, foi instalada uma série de Estados aliados (Polônia, Alemanha Oriental, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Coreia do Norte e outros).

As forças armadas continuavam substanciais, com milhões de homens e armas.

Mas os EUA eram mais prósperos que a URSS.

Deve ser destacado que a Rússia teve um déficit de população grande na 2ª Guerra Mundial, como também perdas materiais na pecuária, agricultura, moradia e meios de transportes.

Pode-se dizer que a URSS era uma gigante militar, mas economicamente pobre.

Em resposta aos problemas, o regime de Stalin volta aos programas de industrialização maciça e de crescimento econômico forçado.

Em 1950, a URSS era a segunda economia do mundo, perdendo apenas para os EUA.

Os soviéticos tinham como prioridade a criação da sua zona de proteção no leste da Europa.

As decisões durante a Guerra Fria eram tomadas sob muita pressão e em situações bastante complexas.

Dessa forma, ambos os lados temiam o outro mais do que necessário e viam na suas ações ameaças maior do que eles poderiam apresentar.

Os autores desse capítulo dizem ser exagerado a intenção da construção de um discurso estadunidense sobre a ameaça real da URSS, como também a dos historiadores reversionistas, que as ações soviéticas eram apenas defensivas.

A estratégia militar soviética indica um padrão defensivo que se torna mais ofensiva.

As forças armadas foram reorganizadas após a morte de Stalin, em 1953, e o poder aéreo recebeu investimentos, aumentando o poder ofensivo dos soviéticos.

Nos anos de 1960 e 70, a URSS buscou desenvolver uma poderosa esquadra.

A URSS percebeu que precisava de uma marinha forte, capaz de desafiar os EUA e o Ocidente, expandindo a marinha vermelha, os cruzadores, submarinos e porta-aviões.

Foram estabelecidas bases navais da URSS na África, Ásia e na América Latina.

Correntes sobre a Guerra Fria

Existem várias interpretações para a Guerra Fria.

A ortodoxia estadunidense se baseou nos escritos dos *policymakers* dos EUA.

George Frost Kennan foi quem desenvolveu as bases da corrente ortodoxa.

Para essa corrente, a URSS era a única responsável pela emergência da Guerra Fria.

Nesse caso, a URSS não havia se mostrado uma aliada confiável, pois se aproveitou de uma conjuntura favorável no final da 2ª Guerra Mundial.

A corrente ortodoxa, ainda ressaltavam que a posição da URSS era uma decorrência natural do projeto de dominação mundial amparada na doutrina comunista.

George Frost Kennan, a partir de 1949, afastou-se do segundo governo Truman e passou a criticar a política externa do país.

A ortodoxia soviética constitui a imagem invertida da ortodoxia estadunidense.

Para os soviéticos, a origem do conflito tinha como base o imperialismo que ameaçava o leste europeu.

A ganância imperialista dos EUA e dos seus aliados provocou a eclosão de uma corrida armamentista, em um período em que a URSS buscava a paz e a cooperação com o Ocidente.

Revisionismo e pós-revisionismo

Revisionismo e Pós-Revisionismo

A obra de Williams Appleman Williams, publicada em 1959, nos EUA, tornou-se referência para a crítica à política externa dos EUA.

Os autores críticos que vieram depois de Williams denunciavam a existência de um oficialismo inaceitável na historiografia que estudava a Guerra Fria.

Na análise revisionista era destacada a influência da economia doméstica e da ideologia na elaboração da política externa dos EUA.

Os revisionistas afirmavam que a URSS não era responsável pela Guerra Fria.

Sustentava-se que, no fim da 2ª Guerra Mundial, os EUA e URSS saíram como duas potências mundiais, mas não desconstruía o mito de que as duas potências eram igualmente fortes.

Para os autores revisionistas, o objetivo da URSS era a reconstrução do país e a consolidação de uma esfera de influência do leste europeu, não sendo uma ameaça para os norte-americanos.

Historiadores revisionistas que se destacaram: Williams A. Williams, Walter LeFeber, Gabriel Kolko e Lloyd Gardner.

No fim dos anos 1980, John Lewis Gaddes ressaltou que o fim da Guerra Fria possibilitava a busca de um consenso pós-revisionista, livre de ideologias.

O pós-revisionista concentra o foco no estudo das políticas definidas pelas elites e das modificações em andamento no equilíbrio do poder.

Gaddes não descarta a adoção de uma política imperial pelos EUA nos pós-guerra, mas ressalta que essa postura foi desencadeada pela agressividade soviética.

Na perspectiva de Gaddes, o expansionismo soviético se revela uma ameaça à Europa, sendo, então, necessária a intervenção dos EUA para defender seus aliados.

O modelo pós-revisionista repete e sofisticada a ortodoxia estadunidense.

Imperialismo e política doméstica

O modelo pós-revisionista obteve várias críticas.

Os críticos revelam que no final da 2ª Guerra Mundial, as elites estadunidenses procuraram um poder global relacionado com as instituições domésticas.

A política externa dos EUA era definida pelos interesses de grupos organizados.

Michael Hogan, influente historiador, diz que nos EUA se desenvolveu um Estado associativo ou neocapitalismo cooperativo, ancorado na autorregulação dos grupos econômicos.

Segundo o raciocínio de Hogan, os EUA procuravam construir uma arquitetura de poder mundial lastrada no modelo corporativista doméstico.

A URSS se via ameaçada por essa nova arquitetura, e reage.

Essa reação foi vista pelos EUA como um ato de agressão.

Outra corrente historiográfica que merece destaque é a do Fred Halliday.

Halliday dividia o período do pós-2ª Guerra Mundial em 4 fases:

1. Guerra Fria (1945-1953);
2. Período de antagonismo oscilatório (1953-1969);
3. *Détente* (1969-1976);
4. Segunda Guerra Fria (após 1976).

Para Halliday, a 1ª Guerra Fria terminou com a morte de Stalin, o período seguinte foi marcado pela aproximação dos dois blocos, e por vezes eclodiam conflitos entre ambos, e entende-se que, a partir do final da década de 1970, teria a 2ª Guerra Fria.

No primeiro período de 1960, o capitalismo experimentou uma terceira revolução industrial.

A URSS ficava cada vez mais para trás.

Dessa forma, a URSS vivenciava uma queda constante na sua taxa de crescimento, que se tornou insuficiente para acompanhar a da Europa, Japão e EUA.

Nos anos 70, a URSS já dependia de exportação de petróleo e gás.

Aos poucos, a URSS ia se tornando um produtor de energia para as economias mais desenvolvidas.

A terceira revolução tecnológica, com seus princípios de especialização flexível da cadeia produtiva e o uso intenso de tecnologia, revelou-se incompatível com a estrutura vertical e autoritária da URSS.

Gorbachev (1985-1991), para tentar sair da crise, lançou uma política que pretendia aproximar o povo do Estado e dar uma nova legitimidade ao Partido Comunista:

1. A censura foi abrandada;
2. Estimulou livre expressão de idéias;
3. Grau mínimo de autonomia local;
4. Procurou na economia descentralizar o planejamento.

O sistema militar teria que se adaptar à nova era e se basear na quantidade e na tecnologia.

O sistema de Gorbachev falhou, e foi assim que emergiu a crise no leste europeu, em 1989, que levou a queda do muro de Berlim.

Os EUA e a URSS buscavam durante a Guerra Fria consolidar os seus diferentes projetos políticos.

De um lado, a Guerra Fria intensificou conflitos em escala planetária, e de outro trouxe estabilidade política.

Nos dias atuais, temos novos embates, a emergência de guerras assimétricas em que os inimigos estão claramente definidos

Referência Bibliográfica: MUNHOZ, Sidnei J.; BERTONHA, João Fábio. Impérios da Guerra Fria. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; CABRAL, Ricardo Pereira; MUNHOZ, Sidnei J. (coordenadores). **Impérios na História**. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2009.